

GUERRA AO H3N2



Parynia Bynsuc / Gettyimages

Os Estados Unidos registraram no último inverno um dos surtos de gripe mais graves de sua história. De acordo com o Centro de Prevenção e Controle de Doenças do país, mais de 50 mil casos foram confirmados de outubro de 2017 até abril de 2018, sendo 31 mil provocados pelo vírus H3N2, um subtipo *influenza* A, variedade de gripe mais temida. Ao menos 160 crianças morreram por conta do vírus. Com a proximidade do inverno no Hemisfério Sul, autoridades brasileiras monitoram o avanço do vírus pelo território nacional. O Ministério da Saúde já registrou centenas de casos no ano, com dez mortes por H3N2 confirmadas. Diante dos riscos de epidemia, o governo iniciou em 23 de abril a vigésima Campanha Nacional de Vacinação contra a *Influenza*.

A gripe é um desafio para cientistas, médicos e autoridades sanitárias. Isso porque o vírus causador da doença tem um superpoder difícil de ser combatido: ele consegue recombinar o material genético e, dessa forma, realizar mutações de maneira muito rápida. Nas mutações maiores, o vírus muda tanto que passa a ser reconhecido por outro nome. “Esse tipo de mutação pode ser reconhecido pela troca dos números, como H1N1, H3N2, H5N1. É algo que acontece apenas poucas vezes a cada século”, explica José Cerbino Neto, médico infectologista e chefe do Laboratório de Pesquisa em Imunização e Vigilância em Saúde do Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas. A ciência ainda não sabe muito bem como essas grandes mutações ocorrem, mas uma das hipóteses é que a recombinação genética esteja ligada a animais como os porcos, capazes de hospedar ao mesmo tempo o vírus dos humanos e das aves. A mistura dos dois tipos no organismo dos animais daria origem a um terceiro e novo tipo de vírus.

Existem ainda mutações menores, pequenas alterações que ocorrem nos vírus todos os anos. Ao que tudo indica, foi o que ocasionou o recente surto americano. O corpo humano desenvolve defesas para combater o vírus da gripe. Pequenas mudanças na genética do agente infeccioso, no entanto, são capazes de enganar nosso organismo, que passa a não reconhecer o “novo” inimigo. A demora para armar defesa aumenta a gravidade da infecção. É por isso que, todos os anos, uma nova vacina contra a gripe precisa ser desenvolvida para incluir novas mutações sofridas pelo vírus. “A partir do momento que você é exposto a mais tipos de *influenza*, você melhora sua capacidade de reconhecer o vírus”, afirma Cerbino. Hoje, os dois principais tipos de *influenza* que afetam humanos são das variedades A e B. É dentro do tipo A que estão os subtipos mais conhecidos, caso do atual H3N2 (gripe que causou o surto nos Estados Unidos) e do H1N1 (gripe suína, causadora de uma grande pandemia mundial em 2009).

Para saber quais vírus devem estar presentes na vacina a cada ano, cada país aponta, com a análise do sangue de grupos de doentes, que variedades estão mais presentes no território. O resultado dessa pesquisa é enviado à Organização Mundial da Saúde (OMS), que define para quais tipos de vírus a vacina deve proteger. Para 2018, ficou estabelecido que a vacina distribuída na rede pública brasileira protegerá contra os vírus H1N1, H3N2 e um tipo de *influenza* B. Paulo Teixeira, médico pneumologista da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre e professor da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), afirma que a vacina oferecida na rede privada contém, além dos três tipos acima, proteção para um segundo tipo de *influenza* B.

A meta das autoridades brasileiras é evitar que o surto dos Estados Unidos se repita no Brasil. “A vacina que usamos aqui é diferente da vacina que foi usada lá. Um dos elementos que mudou foi justamente o H3N2”, esclarece o pesquisador do Instituto Evandro Chagas. Esse ajuste, porém, não garante proteção total contra o surto, que depende de outros fatores, não apenas da mutação do vírus. A população brasileira pode ter memória imunológica diferente dos americanos para o H3N2, por exemplo. “Não temos como prever nada”, afirma o especialista. Segundo Cerbino, a ciência busca uma forma de criar um tipo de vacina que seja universal e sirva para proteger contra todos os tipos de gripe. “Queremos identificar uma proteína ou alguma coisa que possa gerar uma resposta imunológica para todas as *influenzas*.”

Os dois médicos entrevistados pelo Guten News afirmam que a vacina contra a gripe é indicada para todas as idades. Por questões financeiras, entretanto, ela é oferecida gratuitamente apenas para grupos que costumam ter complicações mais sérias. Até 1º de junho, podem se vacinar pelo Sistema Único de Saúde (SUS) idosos a partir de 60 anos, crianças de 6 meses a 5 anos, trabalhadores da área da saúde, professores, indígenas, gestantes, mães que deram à luz a menos de 45 dias, presos, carcereiros e pessoas com doenças crônicas. A meta é imunizar mais de 50 milhões de pessoas no país, segundo o Ministério da Saúde. Na rede privada, a vacina quadrivalente, que protege para quatro tipos do vírus, custa em torno de R\$ 130. A eficácia chega a 70% e a proteção dura em torno de oito meses. “Com o passar do tempo, a vacina perde a ação e você precisa se vacinar novamente”, explica o pneumologista Paulo Teixeira.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), 650 mil pessoas morrem ao ano no mundo por infecções causadas pela gripe. Em 2017, o Ministério da Saúde no Brasil registrou 498 mortes causadas pelo vírus. Além de febre alta, espirros, dores no corpo, cansaço e tosse, a doença pode evoluir para problemas mais graves, como pneumonia, bronquite e miocardite (inflamação no músculo cardíaco).

Guten News: Guerra ao H3N2, Melissa Schröder, publicado em Guten News.

Notícia adaptada para fins didáticos.